

# Conheça projetos capitaneados por transgêneros reivindicam igualdade

*Manifestações culturais tentam colocar em primeiro plano aqueles que, até então, eram mantidos em cantos obscuros da sociedade*

O Brasil é o país que mais mata transsexuais no mundo. O dado foi divulgado em uma pesquisa da ONG Transgender Europe (TGEU). A violência homofóbica faz com que muitas pessoas trans prefiram a obscuridade. Não se revelam por completo e, mesmo a duras penas psicológicas, mantêm-se no gênero em que nasceram biologicamente, mesmo não se identificando com ele. Não são raros os casos de quem oprime desejos, vivências e personalidade por pressão social e medo de represálias. Outras, por outro lado, rumam em sentido oposto e rompem padrões. A atitude, um tanto quanto revolucionária, ainda não é uma unanimidade, mas tem acontecido com muita frequência no segmento cultural.

**[\(Correio Braziliense, 21/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

Transgênero formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Brasília desde 2012, Luana Morena Pinheiro encaixa-se no último grupo. Atriz e professora, com um tino literário que a acompanha desde cedo, a escritora teve o romance autoral *A revolta dos feios* aceito pela Chiado, a editora que mais cresce em Portugal, e uma das maiores nos países de língua portuguesa.

Um dos focos do enredo é o dançarino profissional Tião, vítima de bullying ao tentar entrar em uma banda por conta da aparência. Diante da resposta negativa, o personagem convida outras pessoas que não se encaixam no padrão de beleza valorizado pela sociedade para promoverem uma revolução social. A revolta vira guerra civil. De certa forma, é uma metáfora sobre ser diferente em um mundo onde a pasteurização ainda é imposta como regra. “Claro que a beleza conta. Todo mundo sabe disso e ninguém fala nada”,

critica a autora.

Para que a obra seja publicada, Luana Morena, atualmente desempregada, está realizando venda antecipada de alguns exemplares via crowdfunding. “Se tiver mais de 3 mil cópias ele será traduzido para o inglês e o espanhol”, comemora. Luana Morena também finalizou o roteiro de um longa chamado Traumas eficazes, onde a questão trans é tratada de maneira mais aberta, ainda que por meio de ficção científica. O texto discorre sobre uma travesti que se submete a um tratamento revolucionário para cura de traumas psicológicos, como o abuso sexual sofrido na infância. “Nós, trans, precisamos nos ver no cinema, e essa pode ser uma possibilidade”, afirma.

“A criação desse roteiro influenciou muito minha vida. Passei 20 anos sendo o Paulo, que é gay, mas não queria que as pessoas soubessem disso. Eu me enganei durante essas duas décadas. Comecei a trabalhar a noite e pegava ônibus com travestis. E então veio uma crise existencial. Voltei a ser Luana”, comenta.

“Com meu novo nome social eu quebrei as amarras. Apesar do medo que sinto, acho que temos que mostrar a cara mesmo. Não nos acovardar por causa do preconceito”, diz. Ações afirmativas como a aprovação do uso do nome social pelo Governo de Brasília, em decreto assinado pelo governador Rodrigo Rollemberg em 31 de janeiro, ajudam a diminuir as discrepâncias entre trans e cisgêneros, termo usado para qualificar o indivíduo que se identifica com o gênero com o qual nasceu, em todos os aspectos. Luana Morena engrossa a lista de pessoas beneficiadas com a medida.

## **Para contribuir**

O livro A revolta dos feios encontra-se em pré-venda pelo na página criada por Luana Morena no site Kickante. É necessário fazer a venda de 250 exemplares para que a Chiado edite o livro. Ao custo de R\$ 32, a obra tem previsão de entrega em junho deste ano.

## **Outros gritos contra o preconceito**

### **Nos palcos**

Em cartaz até 5 de março (com pausa no carnaval), a peça Gritos, da companhia franco-brasileira Dos à Deux, dedica boa parte do espetáculo a um poema gestual com a transsexual Louise em destaque. Criada por André Curti e Artur Luanda Ribeiro, a peça coloca o espectador na pele da jovem dividida entre os cuidados com a mãe idosa e os anseios de ser mulher, mesmo que tenha nascido no corpo masculino. “Muita gente comenta que o espetáculo é necessário. Isso é uma grande conquista, quer dizer que está transformando as pessoas. Está trabalhando o preconceito. Obviamente, aquilo se reverte no público, que olha para o transsexual de uma outra maneira”, declarou Artur Luanda Ribeiro. Já no CCBB do Rio de Janeiro, a partir de 2 de março, o ator Luis Lobianco será Gilberta, brasileira vítima de transfobia e torturada até a morte por um grupo de adolescentes em Portugal, em 2006.

### **Mural democrático**

Até 26 de fevereiro, a mostra Ozi - 30 anos de arte urbana no Brasil, em cartaz na Caixa Cultural Brasília, tem um importante diferencial. Além de um apanhado da carreira do artista urbano Ozi, há um mural na fachada do espaço cultural feito em parceria com alguns grafiteiros e grafiteiras da cidade (como Omik, Toys e Brixx Furtado) e de alunos da oficina de estêncil Transgraffiti, ministrada por ele apenas para transgêneros da cidade. “A felicidade é libertadora”, diz uma das pinturas. Segundo o artista, foi uma das maneiras de mostrar que a arte urbana não é homofóbica. A iniciativa teve parceria do CREAS da Diversidade, do Ibrat (Instituto Brasileiro de Transmasculinidade), do coletivo Afrobixas, entre outras organizações que militam pela igualdade e respeito aos trans.

### **Capa de revista**

Na semana passada, a revista Vogue na versão francesa anunciou a primeira capa com uma modelo trans. A publicação sairá em março. “Estamos mudando a cara da moda e desconstruindo o preconceito”, escreveu a editora-chefe da revista, Emmanuelle Alt. Para orgulho nacional, a top escolhida foi Valentina Sampaio, cearense que foi destaque na última edição do São Paulo Fashion Week. A modelo está acostumada a inovar. No ano passado, foi a primeira trans a representar uma gigante da indústria da

beleza mundial em terras brasileiras.

### **Nas telonas**

» Com previsão de estreia em 30 de março, o longa *A Glória e a Graça* conta com Carolina Ferraz como a travesti Glória. Em vez do caricata, a personagem da atriz é bem-sucedida. O filme tem produção e direção de de Flavio Ramos Tambellini, de *Malu de bicicleta*.

*Rebeca Oliveira*

---

# **Burrice que mata, por Jean Wyllys**

*(Carta Capital, 26/02/2016) A sociedade precisa entender que o discurso de intolerância sanciona a violência homofóbica*

O fundamentalismo religioso e o fascismo estão atingindo níveis realmente assustadores. No município de Nova Iguaçu (RJ), a Câmara Municipal aprovou uma lei absolutamente inconstitucional que proíbe a divulgação, exposição e distribuição de livros (sim, livros!), cartazes, filmes, faixas ou materiais didáticos que contenham informações sobre diversidade sexual, combate à homofobia e direitos dos homossexuais, entre outros temas, nas escolas da rede municipal.

**Leia mais:** [A homofobia em primeira pessoa \(El País, 28/02/2016\)](#)

Você deve estar se perguntando se eu acabei de inventar isso ou se é notícia do site de humor *Sensacionalista*. Não, infelizmente, não. A “lei” foi sancionada pelo prefeito e publicada no *Diário Oficial*.

Enquanto isso, no Recife, o vereador Carlos Gueiros, do PSB (o partido do falecido Eduardo Campos), propôs a realização de uma queima de livros (vou

repetir: queima de livros!) que tratem da diversidade sexual.

Tudo isso acontece pouco depois de, no Rio de Janeiro, um secretário de Direitos Humanos (já felizmente exonerado do cargo) ter feito declarações anticientíficas e discriminatórias sobre a homossexualidade; e de diversas câmaras de vereadores e prefeituras terem sofrido a pressão da ala reacionária da Igreja Católica e das igrejas neopentecostais para eliminar toda referência a gênero nos planos municipais de educação.

Até mesmo a palavra “transversalidade” - um conceito usado para fazer referência a uma prática pedagógica que nada tem a ver com a sexualidade - foi banida em algumas cidades porque vereadores ignorantes (a maioria ligada a igrejas evangélicas fundamentalistas) achavam que o prefixo “trans” se referia a travestis é transexuais.

Resta alguma dúvida de vivermos a ascensão do império da estupidez motivada?

Todo relato anterior não passaria de uma piada (afinal, qual é o valor dessas leis absurdas? Será que se eu for lançar meu último livro, *Tempo bom, tempo ruim*, em uma escola de Nova Iguaçu, o prefeito vai mandar a Guarda Municipal me prender?) se não houvesse a legitimação institucional e política do discurso de ódio, que tem como consequência última o aumento da violência.

Cada vez que uma barbaridade dessas acontece nas casas legislativas estaduais, municipais e federal, novos casos de violência dura contra pessoas LGBT se sucedem. É só repassar as notícias diárias para constatar o que afirmo.

Apenas nesta semana, tivemos dois casos terríveis. Em Itanhaém (SP), Priscila da Costa, de 25 anos, foi assassinada a tiros na frente da namorada após reagir aos insultos homofóbicos num bar; em São José dos Campos (SP), um estudante do segundo ano do ensino médio foi agredido com pauladas, socos e chutes por outros estudantes na porta da escola.

O recrudescimento da violência homofóbica (termo que já ganhou textualidade social e se refere a mais do que seu sentido técnico estrito,

incluindo as violências contra os membros da comunidade LGBT como um todo, sendo, óbvio, as travestis e mulheres e homens trans pobres os mais vulneráveis) se reproduz num contexto de excessiva polarização política, reacionarismo no poder Legislativo (não só no Congresso Nacional, mas nas assembleias legislativas e câmaras de vereadores), demonização da agenda política progressista e humanista, ataques às liberdades civis, crescimento do fundamentalismo religioso e do fascismo - todo esse obscurantismo associado ao crescente acesso de pessoas às novas tecnologias da comunicação, que, apesar dos benefícios que nos trazem, também favorecem a desinformação, o declínio do bom senso e a difamação de pessoas.

É óbvio que, num contexto assombroso desses (agravado pela crise econômica mundial e pelo fim da festa do consumo e da “fartura” promovida pelos anos do lulo-petismo), as primeiras e preferenciais vítimas são sempre os grupos historicamente odiados e difamados por conta de preconceitos profundamente arraigados na alma de uma maioria que nunca teve acesso, de fato, a uma educação de qualidade nem às artes vivas, porque o sistema político nunca permitiu.

E se é verdade que a identidade de classe e/ou étnica (o fato de uma pessoa ser pobre e/ou negra de pele preta) amplia a vulnerabilidade do sujeito LGBT (uma mulher negra lésbica e pobre é mais vulnerável que um homem gay branco e pobre), não é menos verdadeiro que a homofobia se expressa em todas as classes sociais e que o fato de uma pessoa ser negra e pobre - logo, vítima de discriminações negativas por conta dessas identificações - não a torna automaticamente solidária ou empática em relação aos homossexuais e transexuais (são frequentes os relatos de violência homofóbica, inclusive doméstica em bairros de periferias, favelas e bolsões de miséria).

A homofobia é um problema sério. Os organismos internacionais de Direitos Humanos há anos cobram, do Estado brasileiro, uma resposta eficaz contra esse mal em todas as suas nuances.

Se a era FHC foi absolutamente negligente em relação a essa questão, a era Lula-Dilma foi pouco além dos discursos bem-intencionados e, para nosso mal, acabou por empoderar os inimigos dessa agenda.

Ao fim e ao cabo, a situação pouco mudou para nós. Aqueles que prometiam uma mudança que incluiria a todos e todas, que garantiria direitos, que valorizaria a diversidade e dignificaria a vida dos sempre oprimidos pouco fizeram de fato e acabaram, em função da governabilidade, aliando-se aos algozes daqueles que continuam sendo humilhados e morrendo, cada vez com mais violência.

As pessoas heterossexuais de bom-senso e não contaminadas pela estupidez motivada nem fascismo galopante precisam se dar conta de que este não é só um problema da comunidade LGBT.

Já sabemos aonde foram parar os queimadores de livros na Alemanha nazista, também enfrentando crise econômica à época. Lá também suas vítimas primeiras e preferenciais foram os judeus, os homossexuais e os comunistas, mas hoje sabemos que toda a sociedade europeia pagou um preço alto por ter, a princípio, quando as vítimas do nazismo eram tão somente os grupos difamados, feito vistas grossas à ascensão da burrice que mata.

***Acesse no site de origem: [Burrice que mata, por Jean Wyllys \(Carta Capital, 26/02/2016\)](#)***

---

## **Violência homofóbica: Brasil tem 5 denúncias por dia, mas números reais são muito maiores, diz relatório**

***(HuffPost Brasil, 26/02/2016)*** “Mulher é morta na frente de namorada após ofensas homofóbicas”, “Estudante é assaltado e agredido em crime de homofobia e racismo no Rio”, “Uma morte LGBT acontece a cada 28 horas

motivada por homofobia”.

Com certeza você já leu alguma dessas manchetes, e o terceiro relatório de violência homofóbica, publicado nesta sexta-feira (26) pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, destaca: ao menos cinco casos de violência homofóbica são registrados todos os dias no Brasil.

O relatório foi antecipado à equipe do Curso Abril de Jornalismo (CAJ), que trabalha em parceria com o HuffPost Brasil.

O estudo é referente aos dados de 2013 — o que demonstra relativa dificuldade e demora dos órgãos públicos em apurar estas denúncias — e toma como base o conceito de homofobia para tratar de preconceito ou discriminação (e demais violências) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Naquele ano, foram registradas 1.965 denúncias de 3.398 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 1.906 vítimas e 2.461 suspeitos.

Os dados estão longe de corresponder a totalidade dos crimes ocorridos todos os dias, já que apenas são captadas as queixas feitas por meio das ouvidorias do SUS e das antigas secretarias de Políticas para Mulheres e de Direitos Humanos, por meio do Disque 100.

O relatório, elaborado pelo ministério, esclarece:

*“As violências ocorridas cotidianamente contra os LGBT [são] infelizmente muito mais numerosas do que aquelas que chegam ao conhecimento do poder público. Salienta-se que a falta de um marco legal que regulamente a punição de atos discriminatórios contra a população LGBT aprofunda a dificuldade de realização de diagnósticos estatísticos desta natureza.”*

De acordo com a pesquisa, houve uma redução de 44% das notificações em relação a 2012. Contudo, essa queda não pode ser relativizada ou confundida com uma possível diminuição dos crimes de homofobia.

Pelo contrário. Para o órgão, essa redução é a evidência de como a falta de manutenção de campanhas que reforcem a importância da denúncia e o



alcance da ferramenta do Disque 100, que ainda é restrito, afetam a análise dos dados.

Os números da pesquisa apontam para um quadro preocupante de homofobia no País, que, somado à ausência de uma legislação específica voltada a garantir a inserção da população LGBT no sistema jurídico, dificulta os diagnósticos oficiais do problema.

## **Os dados oficiais do relatório**

### Denunciante

Em 32,8% dos casos, os denunciantes não conheciam as vítimas; em 9,1% dos casos, a própria vítima efetuou a denúncia; e em 1,9% dos casos os denunciantes eram conhecidos das vítimas (companheiros, amigos, sobrinhos, irmãos, cunhados, filhos e vizinhos). Em um grande percentual de denúncias (53,8%), não há identificação do denunciante.

### Sexo

A grande maioria das denúncias de violências homofóbicas são sobre vítimas do sexo masculino (73%). Outras 16,8% são do sexo feminino. Os não informados contabilizaram 10,2% dos casos.

### Identidade sexual

Maioria de não informados (46,8%), seguido de gays (24,5%), travestis (11,9%), lésbicas (8,6%), transexuais (5,9%) e bissexuais (2,3%).

### Raça/cor autodeclarada:

Pretos e pardos totalizam 39,9% das vítimas; seguidos por brancos, com 27,5% e 0,6% amarelos e indígenas. Não informados totalizam 32% das vítimas.

### Faixa etária:

Compreende 54,9% de vítimas entre 15 e 30 anos. A população mais jovem é também a população que tem mais acesso às redes sociais e a informações

sobre os canais de denúncia do poder público.

Perfil do suspeito:

32,1% das vítimas conheciam os suspeitos de cometer violência, enquanto 32% eram desconhecidos. Assim, 36,1% das violações ocorreram nas casas - da vítima (25,7%), do suspeito (6%), de ambos ou de terceiros (4,4%). Seguido pela rua, com 26,8% das violações e outros locais com 37,5% das denúncias (delegacias de polícia, hospitais, igrejas, escola, local de trabalho e outros).

Tipo de violência:

Pode-se verificar que violências psicológicas foram as mais reportadas, com 40,1% do total, seguidas de discriminação, com 36,4%; e violências físicas, com 14,4%.

Entre os tipos mais reportados de violência psicológica encontram-se as humilhações (36,4%), as hostilizações (32,3%) e as ameaças (16,2%).

No caso das discriminatórias, a mais reportada é a discriminação por orientação sexual, com 77,1% das denúncias.

As lesões corporais são as mais reportadas, com 52,5% do total de violências físicas, seguidas por maus tratos, com 36,6%. As tentativas de homicídios totalizaram 4,1%, com 28 ocorrências, enquanto homicídios de fato contabilizaram 3,8% do total, com 26 ocorrências.

Ainda, foram notificadas 74 denúncias de violência sexual. Entre elas, 43,2% são abusos sexuais, seguido por estupro (36,5%), exploração sexual (9,5%) e exploração sexual no turismo (1,4%).

Homocídios por estados

Distribuição dos homicídios por Estado, com base na veiculação de notícias acerca desses crimes: São Paulo (8,8%), Pernambuco (8,4%), Minas Gerais (8,4%), Bahia (8%) e Paraíba (6,8%).

**Outros números**

Devido à dificuldade de apuração das instituições oficiais, outras organizações fazem trabalhos paralelos, como é o caso do Grupo Gay da Bahia que há 30 anos preocupa-se em retratar e denunciar a homofobia no país.

O último relatório deles é referente ao ano de 2015 e sugere que, pelo menos, 318 pessoas foram mortas vítimas de homofobia naquele ano.

*Ana Beatriz Rosa*

***Acesse no site de origem: [Violência homofóbica: Brasil tem 5 denúncias por dia, mas números reais são muito maiores, diz relatório \(HuffPost Brasil, 26/02/2016\)](#)***

---

## **Ipanema terá Beijaço Lésbico nesta quinta-feira em protesto contra agressão a mulher**

***(O Globo, 10/07/2014)*** Mais um crime homofóbico teria acontecido na semana passada no Rio. A DJ Carla Ávila conta, em um depoimento publicado no Facebook, que, na última sexta-feira, logo após o jogo do Brasil contra a seleção da Colômbia pela Copa do Mundo, ela foi agredida em Ipanema devido à sua orientação sexual. Para mostrar repúdio à violência contra a comunidade LGBT, será realizado, nesta quinta-feira, às 18h, um Beijaço Lésbico em frente ao Bar 20, em Ipanema, onde a artista foi agredida. O ato é organizado pelo movimento feminista Bastardxs, liderado por ex-integrantes do Femen Brasil.

Carla passava pelo Bar 20, na esquina da Rua Henrique Dumont e com a Avenida Visconde de Pirajá, enquanto discutia com a namorada, logo após o jogo, quando um homem que estava sentado à uma mesa se levantou e

caminhou em sua direção desferindo ofensas de cunho homofóbico.

Leia também: [DJ diz ter sido espancada em Ipanema em caso de homofobia](#)  
[Polícia procura homem que espancou lésbica em Ipanema](#)

“O sujeito (...) levantou da mesa ao ver eu e minha namorada passando em frente ao bar (...) gritando ‘sapatão’. (...) foi na minha direção começando a agressão com um tapão no ouvido, com força o suficiente para romper meu tímpano e eu cair no chão”, relatou a vítima na rede social.



Evento ‘Beijaço da Paz’ protesta contra agressão à mulher que foi espancada e chamada de ‘sapatão’ em Ipanema - Reprodução

O homem ainda teria dado chutes na cabeça de Carla, enquanto ela estava caída no chão, provocando contusões na cabeça, nos dedos da mão e próximo ao cotovelo. Segundo a DJ, os clientes do bar, que estava lotado, nada fizeram para ajudá-la.

“Levantaram, aplaudiram e assobiaram. Tiraram fotos e fizeram filmagens. Ninguém fez nada! O agressor voltou ao bar pagou a vontade e fugiu”, disse no depoimento online.

Carla registrou a ocorrência na 14ª Delegacia de Polícia, no Leblon, que já está investigando o caso. A delegada Monique Vidal instaurou inquérito e está avaliando imagens capturadas por câmeras de segurança da região onde o fato foi registrado. Segundo ela, a expectativa é que os autores sejam

facilmente reconhecidos.

- Assim que identificarmos os envolvidos, eles serão chamados para prestar depoimento. Mas nada justifica uma agressão gratuita e homofóbica. Sou contra qualquer tipo de agressão e preconceito - afirmou.

O Núcleo de Defesa da Diversidade Sexual e Direitos Homoafetivos da Defensoria Pública do Rio de Janeiro também está acompanhando o caso, como assistente de acusação. De acordo com a coordenadora do departamento, Luciana Mota, os relatos da vítima chamam atenção pela covardia.

- É uma mulher de 1,6 metro, que foi fortemente agredida e está cheia de lesões pelo corpo - frisou.

Luciana chamou atenção para a frequência com que esse tipo de crime vem se repetindo. Segundo ela, o núcleo recebe, em média, dez denúncias agressões por motivo presumido de homofobia por semana.

- Esses casos são muito comuns, mas muitas pessoas ainda não fazem ocorrência. Mas é muito importante que as pessoas busquem seus direitos diante de crimes como este - alerta.

A vítima também formalizou uma denúncia na Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS), que, após solicitar à CET-Rio imagens da Rua Paul Redfern e da Avenida Visconde de Pirajá, e ouvir a testemunha que estava presente no local, intimará o Bar 20 para apresentar sua defesa por suposta infringência à Lei 2475/1996 que pune estabelecimentos comerciais que discriminem cidadãos por conta de sua orientação sexual.

Em nota publicada em sua página oficial na internet, o Bar 20 afirma que “não ocorreu, em hipótese alguma, qualquer ato de agressão nas dependências do estabelecimento” nem na frente dele, “pois caso houvesse, os responsáveis pelo estabelecimento não hesitariam em contatar as autoridades públicas, inclusive a policial e a do corpo de bombeiros”. O bar também se colocou disponível para esclarecimentos às autoridades e disse repudiar “qualquer forma de preconceito e/ou discriminação, como de raça, cor, crença, religiosa, idade, sexo, convicção política, nacionalidade, estado

civil, orientação sexual, condição física e/ou outras necessidades especiais”.

O deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) publicou em sua página um texto de apoio à Carla Ávila e informou que está acionando também a OAB e levando o caso de agressão à Comissão de Direitos Humanos da Alerj e à Comissão De Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, da qual faz parte.

“É imprescindível que este tipo de violência dura que atinge exclusivamente a população LGBT deixe de ser ignorada pelo poder público em um país que possui o amargo título de ser campeão de assassinatos de pessoas LGBT em todo o mundo. E que as pessoas que aplaudem essa barbárie pensem que, no lugar daquele casal, poderiam estar parentes e amigos seus”, escreveu o deputado.

Acesse o PDF: [Ipanema terá Beijaço Lésbico nesta quinta-feira em protesto contra agressão a mulher](#)

---

## DJ diz ter sido espancada em Ipanema em caso de homofobia

**(G1 Rio de Janeiro, 09/07/2014)** A DJ Carla Ávila diz ter sido agredida sexta-feira (4), em Ipanema, Zona Sul do Rio, após o jogo entre Brasil e Colômbia. De acordo com informações da 14ª Delegacia de Polícia, no Leblon, a vítima prestou queixa e foi encaminhada para exame de corpo de delito.

Carla Ávila conta que estava trabalhando em um evento durante o jogo do Brasil e, após a partida, passou por um bar na esquina das ruas Henrique

Dumont e Visconde de Pirajá enquanto discutia com a namorada. Um homem se levantou e começou a xingá-las. Segundo Carla, o homem dizia que não gostava de homossexuais na “área” dele.



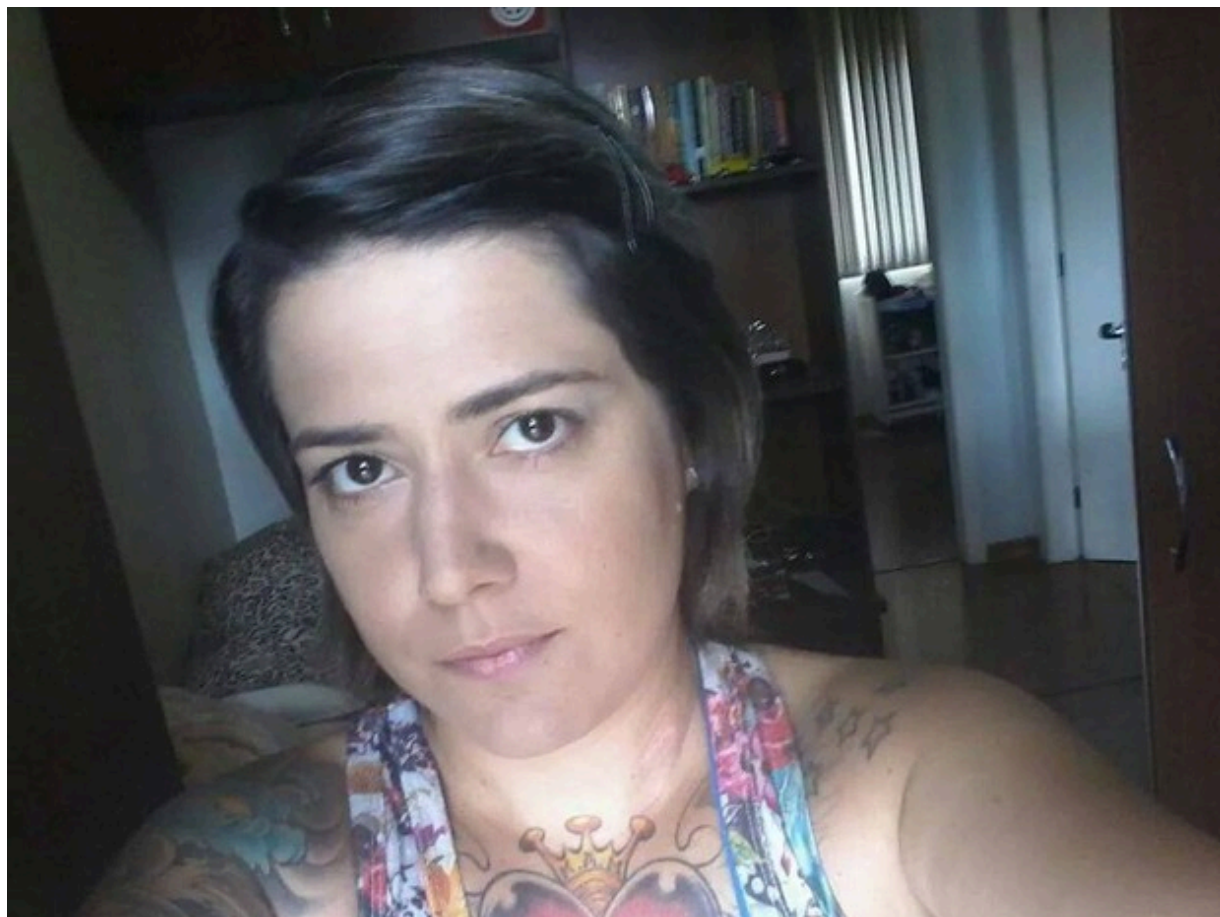
Carla Ávila mostra o cotovelo machucado, uma semana depois (Foto: Carla Ávila / Arquivo Pessoal)

A DJ diz que recebeu golpes no ouvido e na cabeça e teve o tímpano rompido, além de contusões na cabeça, nas mãos e no cotovelo. Enquanto o agressor batia, a namorada dela gritava pedindo socorro, mas ninguém ajudou as duas. Ainda segundo Carla, todos começaram a rir, assobiar, aplaudir e filmar o que acontecia. Enquanto a vítima se levantava, o homem pagou sua conta, entrou no carro e fugiu, de acordo com os relatos.

“Se eu espirrar dói, tenho dores e hematomas pelo corpo inteiro. Eu também tive uma luxação e estou com os movimentos limitados”, disse Carla ao G1, nesta terça-feira (8).

A vítima afirma que ainda está indignada com o que aconteceu e disse que

quer encontrar o suspeito para que outras pessoas não sejam novas vítimas desse preconceito. “Ele é uma pessoa desequilibrada, talvez estivesse drogado. Precisamos achar esse homem para que não tenha outra vítima. Isso é muito perigoso, um absurdo”, disse.



DJ foi espancada em bar do Rio após jogo do Brasil (Foto: Carla Ávila / Arquivo Pessoal)

O Bar 20, em nota, afirma que não houve nenhuma agressão dentro das dependências do bar e nem em frente ao bar, e que os donos do estabelecimento chamariam as autoridades caso houvesse algum problema. O Bar afirma ainda que está à disposição para qualquer esclarecimento.

A prefeitura informou que a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual comunicou que entrou em contato com Carla Ávila, e que marcou para esta quarta-feira, às 17h, um encontro na sede da coordenadoria para que ela realize formalmente a denúncia.



## **Deputado comenta**

O deputado federal Jean Willys (PSOL-RJ) comentou o caso em sua página no Facebook. Ele afirma que levou a denúncia às comissões de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e da Comissão De Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, da qual o próprio deputado faz parte, para que tomem as providências cabíveis.

“Lembrando a todos os que incitaram e aplaudiram o crime de lesão corporal motivado por homofobia que, quando as imagens forem disponibilizadas, se as moças derem a sorte de elas, as câmeras, terem flagrado a violência e não serem, providencialmente, eliminadas), se eles também serão arrolados com criminosos”, disse ele.

## **Imagens de câmeras**

Segundo a Polícia Civil, as imagens de câmeras de segurança do local onde aconteceu a agressão foram solicitadas. Policiais ainda realizam diligências em busca de informações e testemunhas para dar continuidade às investigações.

Acesse o site de origem: [DJ diz ter sido espancada em Ipanema em caso de homofobia](#)

---

# **Três skinheads que feriram 4 em ato em SP são condenados**

*(Folha de S.Paulo, 04/07/2014)* Após três dias de júri, três skinheads de vertente neonazista foram condenados à prisão, na noite desta quinta (3), por

tentarem matar quatro homens em 2011. Cabe recurso.

Eles haviam respondido ao processo em liberdade e saíram presos do fórum da Barra Funda (zona oeste de SP).

O crime ocorreu durante ato contra a homofobia e o racismo realizado pelo Movimento Anarcopunk de São Paulo, no centro. As vítimas -entre elas, um deficiente físico- foram feridas com tacos e facas.

Segundo o Tribunal de Justiça, Jorge Gabriel Gonzalez, 23, foi condenado a 16 anos e sete meses de prisão. Milton do Nascimento Junior, 23, foi sentenciado a 18 anos e sete meses. E Rogério Moreira, 26, a 21 anos e cinco meses.

As penas incluem tentativas de homicídio, lesões corporais e formação de quadrilha armada. Os três réus foram absolvidos do crime de corrupção de menor.

À época, um adolescente de 17 anos, que também fazia parte do grupo, foi internado na Fundação Casa, onde permaneceu por um ano.

De acordo com o tribunal, Raphael Luiz Dierings, outro acusado, morreu quatro meses antes de ser julgado.

‘ATEMORIZADAS’

“As vítimas estão vivas e atemorizadas, razão pela qual se mostra inadequado manter os acusados em liberdade. Trata-se ainda de crime de ódio que justifica ainda mais a segregação cautelar dos acusados”, afirmou na sentença o juiz Fernando Oliveira Camargo.

As vítimas são Márcio Silva de Oliveira, Silvio Rodrigues Moreira, Isaías Lazaro Lopes e Danilo Vilela Macedo -as idades não foram informadas.

O ato do qual participavam era uma homenagem ao adestrador de cães Edson Neris da Silva, homossexual espancado até a morte há 14 anos na praça da República, centro.

Oliveira, negro e deficiente físico, declarou que o grupo o agrediu com tacos

e tentou arrancar a prótese que usa na perna. Lopes afirmou que, ao se esquivar de uma facada no pescoço, acabou ferido na testa e teve o crânio perfurado. Macedo foi atingido por uma faca no braço. Moreira levou uma facada no abdome.

Ao prender o grupo em flagrante, a Polícia Militar apreendeu canivetes, facas, soco inglês e uma espingarda de chumbinho.

Segundo o TJ, a defesa afirmou que os réus não atacaram as vítimas e que foram perseguidos por elas quando passavam pela região. As facadas ocorreram em legítima defesa, segundo eles, depois que se viram encurralados.

De acordo com o Ministério Público, o grupo foi identificado como skinheads de vertente neonazista pelos objetos que portavam, como símbolos nazistas, e por perfis em redes sociais. Essa ramificação prega o antissemitismo e a xenofobia.

Acesse o PDF: [Três skinheads que feriram 4 em ato em SP são condenados](#)

---

## **Nota da SDH-PR sobre o Dia do Orgulho LGBT**

**(Portal SDH, 29/06/2014)** Neste sábado (28) foi comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBT. A data é marcada pelo episódio conhecido como Stonewall Inn, ocorrido em 1969, em Nova Iorque, quando a população LGBT uniu-se em uma manifestação contra constantes agressões policiais.

A violência contra a população LGBT que despontou em Stonewall se

perpetua até hoje. Dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica 2012, realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), apontam que o número de denúncias de violações de direitos humanos contra a população LGBT cresceu 166% de 2011 para 2012, saltando de 1.159 para 3.084 registros. As fontes são o Disque 100, em conjunto com o ligue 180, da Secretaria de políticas para Mulheres (SPM), e a Ouvidoria do Sistema único de Saúde (SUS).

Para tanto, a SDH/PR lançou em 2013 o Sistema Nacional LGBT. O Sistema tem o objetivo de promover a articulação entre os governos federal, estaduais e municipais, além da sociedade civil, para a efetivação políticas afirmativas e de combate à homofobia.

A Secretaria também construiu em 2011, em parceria com o Ministério da Justiça, um Termo de Cooperação Técnica para o Enfrentamento às Homofobias. O termo foi assinado com 17 estados, e foram criados grupos de trabalho de Segurança Pública LGBT nos estados do Amazonas, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Também foram implementadas alas específicas para gays, travestis e transexuais nos presídios dos estados de Mato Grosso, Paraíba e Rio Grande do Sul, além de Minas Gerais que já possuía a ala desde 2009. Foram criadas unidades de polícia especializadas em crimes de ódio e delitos de intolerância nos estados do Pará, Pernambuco e Paraíba. Quanto a capacitação de policiais no atendimento a população LGBT foram realizadas nos estados do Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Ainda fazem parte das ações a criação de oito Comitês de Enfrentamento a Homo-Lesbo-Transfobia no AC, PA, PI, AM, DF, AL, RS e SP, espaços de controle social e acompanhamento das denúncias de violação dos direitos humanos de LGBT reportadas ao Disque 100.

Stonewall Inn- Na década de 60 nos Estados Unidos, a comunidade LGBT era constantemente reprimida e até presa sem razão. Na noite do dia 28 de junho de 1969, contudo, algo diferente ocorreu: os usuários de um bar LGBT em New York, Stonewall Inn, resistiram à prisão, e a polícia perdeu o controle da batida. Uma multidão se reuniu na rua, na frente do bar, encurralando a

polícia dentro do mesmo. A tropa de choque foi convocada, e o cenário virou uma praça de guerra, com confrontos violentos que duraram por seis dias.

*Assessoria de Comunicação Social*

Acesse o site de origem: [Nota da SDH-PR sobre o Dia do Orgulho LGBT](#)

---

## **Anista aponta que homofobia ainda é tolerada por governos ao redor do mundo**

**(Agência Brasil, 17/05/2014)** Hoje (17) é o Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia. Apesar dos esforços da sociedade civil, em todo o mundo, o preconceito ainda é vivido na pele pela comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Um comunicado divulgado pela Anistia Internacional analisa a ocorrência de casos intolerância em vários países e destaca que “os governos de todo o mundo precisam intensificar e cumprir sua responsabilidade de permitir que as pessoas se expressem, protegidos da violência homofóbica”.

O assessor de direitos humanos da Anistia Internacional, Maurício Santoro, explica que a publicação destaca uma série de países nos quais houve aumento da homofobia, nos últimos anos.

“Um desses países é a Rússia, onde a homossexualidade é legal, foi permitida em 1993, quando houve a transição da União Soviética para a Rússia. Mas, desde então, foram aprovadas uma série de leis na Rússia que restringem muito a liberdade de expressão e a liberdade de associação dos grupos LGBT.

As paradas de orgulho foram proibidas, essas pessoas sofrem agressões nas ruas e não conseguem registrar queixas na polícia”, diz Santoro.



O Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia é lembrado neste sábado (17) Marcelo Camargo/Agência Brasil

A situação dos países africanos tem chamado a atenção da organização. “A África hoje é o continente com o maior número de leis homofóbicas, para diversos países da região. O caso de Uganda é particularmente chocante porque o país aprovou, há algumas semanas, uma lei muito dura, que criminaliza totalmente a homossexualidade e que prevê inclusive a pena de morte para as pessoas que forem presas pelo chamado crime de homossexualidade agravada, seja lá o que isso signifique”, critica.

No Brasil, apesar das agressões e da violência que a população LGBT é vítima, chegando a 300 assassinatos por ano, segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Santoro afirma que a legislação melhorou nos últimos anos.

“A gente teve a decisão do Supremo legalizando o casamento de pessoas do mesmo sexo, que é uma decisão muito importante, pois coloca o Brasil numa vanguarda de países que adotaram esse tipo de lei. Tivemos várias decisões de tribunais superiores concedendo benefícios de saúde e de previdência para parceiros em relacionamentos homossexuais, antes mesmo do casamento ser aprovado”, aponta.

Para melhorar o cenário, a Anistia Internacional propõe leis mais duras para combater a homofobia no Brasil, além da discussão e melhor aceitação do tema dentro das escolas e pelas forças de segurança.

No âmbito internacional, a campanha da entidade estimula que as pessoas assinem petições e enviem cartas para os governantes, para “colocar pressão internacional sobre cada governo”, diz Santoro.

Como parte das comemorações que marcam o Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia, a sede da Anistia Internacional no Rio recebe, neste

sábado, o projeto Eu Te Desafio a Me Amar, lançado em Brasília, na última quarta-feira (14).

A mostra, que também passou pelo Complexo de Favelas da Maré, no Rio, apresenta filme e exposição fotográfica da artista Diana Blok, que registrou artistas, militantes e personalidades políticas LGBT. Ela utiliza as artes visuais para tratar da liberdade e do respeito às escolhas pessoais em torno de questões de gênero, cor, identidade e credo.

Os visitantes também poderão participar de debate sobre o tema Liberdade de Expressão e Direitos Humanos de Minorias Sexuais, às 16h, com a participação do diretor executivo da Anistia Internacional Brasil, Atila Roque, do cônsul da Holanda no Rio de Janeiro, Arjen Uijterlinde, da diretora de Comunicações do Comitê International Day Against Homophobia and Transphobia, Claire House, da coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política, Sônia Correa, e do pesquisador Benjamin Neves.

O vídeo Eu Te Desafio a Me Amar será exibido às 19h30, seguido de conversa com a diretora e fotógrafa Diana Blok e outros participantes do projeto. A sede da Anistia Internacional Brasil está localizada na Praça São Salvador, em Laranjeiras, zona sul do Rio.

Acesse o site de origem: [Anista aponta que homofobia ainda é tolerada por governos ao redor do mundo](#)

---

# **Anistia Internacional denuncia**

# falta de proteção dos direitos LGBT

**(Portal EFE, 16/05/2014)** A organização humanitária Anistia Internacional (AI) denunciou nesta sexta-feira a falta de proteção dos direitos dos LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Intersexuais) e considerou “escandaloso” que em 2014 não se esteja legislando contra crimes de ódio.

Em comunicado emitido em Londres na véspera do Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia, a AI lamentou que autoridades de todo o mundo continuem “tolerando” a homofobia.

“Perante as celebrações do orgulho homossexual, os governos têm que dar mais um passo e cumprir suas responsabilidades para permitir às pessoas que se expressem, protegidas da violência homofóbica”, disse Michael Bochenek, diretor do Programa de Política e Legislação Internacionais da AI.



Em 2014, a Anistia Internacional vai centrar sua atenção em vários países onde é “urgente” realizar mudanças. EFE/Arquivo

Este responsável lamentou que as recentes marchas do orgulho gay “tenham sido manchadas por proibições e agressões violentas” e ressaltou que “isto não pode continuar” pois “a discriminação e as restrições dos direitos de liberdade de reunião e expressão acoçam as pessoas LGBTI de todo o mundo”.

No comunicado, a AI indicou que em vários países existe “uma marcada ausência de vontade para erradicar a homofobia e a transfobia”.

A organização denuncia que em alguns países as autoridades inclusive chegam a encorajar essas atitudes “introduzindo e implementando a legislação e as regulações que solapam os direitos das pessoas LGBTI”.

As pessoas da comunidade LGBTI são frequentemente vítimas da violência durante as marchas do orgulho gay assim como em suas vidas diárias,



observa a AI, que acrescenta que “com muita frequência as agressões não são investigadas adequadamente ou com suficiente rapidez pela polícia”.

Em seu comunicado, a Anistia revelou também que durante 2014 centrará sua atenção em vários países onde é “urgente” realizar mudanças, como Camarões, cujo código penal criminaliza as atividades sexuais entre homossexuais e o castiga com até cinco anos de prisão.

Haiti e Rússia, onde as festas LGBTI são ilegais, Sérvia, país em que as marchas do orgulho gay estão proibidas, Uganda, onde os casais homossexuais podem ser condenados à prisão perpétua, e Ucrânia também estão no radar da AI.

Acesse o PDF: [Anistia Internacional denuncia falta de proteção dos direitos de homossexuais](#)

---

## Parlamentares e especialistas discutem combate à homofobia

**(Rádio Câmara, 10/04/2014)** Em audiência pública realizada nesta quinta-feira (10) na Câmara dos Deputados para discutir as violências cometidas no Distrito Federal contra homossexuais, a deputada Erika Kokay, do PT, defendeu a aprovação de projetos que criminalizem a homofobia.

Ouçã aqui:

A parlamentar pediu a realização do debate na Comissão de Direito Humanos e Minorias após dois incidentes ocorridos em Brasília. Num deles, quatro lésbicas com idade entre 18 e 22 anos foram agredidas em um café da Asa

Norte, na madrugada de 28 de fevereiro. Além da agressão física, também teriam sido chamadas de “lepra da sociedade”, “sapatonas” e ameaçadas com palavras como “você têm que morrer”.

Outro caso foi o espancamento de duas lésbicas por um homem, no horário do almoço, na saída de um restaurante no Setor Comercial Sul, depois de terem ouvido ofensas homofóbicas feitas pelo agressor. Uma das vítimas fraturou o braço. A jovem conta que, apesar de ser um local de grande movimento, ninguém tentou impedir as agressões.

Participante da audiência, a representante do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal, Tatiana Lionço, conta como essa parcela da população tem se sentido:

“Um sentimento de insegurança, porque se tratam de atividades cotidianas que as pessoas realizam: ir almoçar num restaurante ou ir se divertir num café sabe que vai encontrar seus amigos e amigas. Você passar por esse tipo de violência gratuita gera uma sensação de insegurança por parte da comunidade.”

O coordenador-geral de Promoção de Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Gustavo Bernardes, destacou levantamento feito pelo órgão segundo o qual, em 2012, as denúncias sobre casos de violência homofóbica no Distrito Federal aumentaram 431% em relação a 2011. Os dados de 2013 ainda estão sendo analisados pela secretaria.

Para combater essa violência, a deputada Erika Kokay defendeu a aprovação do projeto de lei em análise no Senado (PLC 122/06) que criminaliza a homofobia. No âmbito do Distrito Federal, a parlamentar também cobrou a regulamentação de uma lei, aprovada em 2000, que define punições a todos os locais e estabelecimentos comerciais que cometerem qualquer tipo de discriminação: “Eu tenho plena consciência, como diz [o escritor Carlos] Drummond de Andrade, de que as leis só não bastam. Diz Drummond: os lírios não nascem das leis. Mas eu tenho absoluta certeza de que a legislação significa patamares de evolução para que nós possamos construir uma outra sociedade onde não haja nenhuma ameaça ao direito de ser.”

O assessor da Secretaria de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça, Vladimir Sampaio, acredita que, além da aprovação de leis contra a homofobia, é necessário educar a sociedade para que as pessoas entendam que o preconceito e os crimes de ódio contra homossexuais não podem existir.

**Assista a reportagem produzida pela TV Câmara**

**Acesse no site de origem:** [Parlamentares e especialistas discutem combate à homofobia \(Rádio Câmara, 10/04/2014\)](#)